

UM ESTUDO DAS TECNOLOGIAS NA INFÂNCIA COMO INSTRUMENTO DE VISIBILIDADE SOCIAL E CONSUMO NA CONTEMPORANEIDADE

Jéssica Brito Cerqueira¹
Fabiane Pinto²

RESUMO: Parte da problemática: como as transformações sociais influenciam na concepção e vivência da Infância Contemporânea? Objetivo principal: analisar a influência das transformações sociais na concepção de Infância Contemporânea. Justifica-se por investigar a materialização dos instrumentos sociais que compõem a infância, além de interpretar a construção de novos caminhos para a atualização da sociedade sobre as mudanças acerca da infância e como profissionais da educação vem essas modificações. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, onde se utilizou o método do materialismo histórico dialético, com revisão bibliográfica e pesquisa de campo, entrevista estruturada com 2 diretores e 4 professores. Foram utilizados como apoio teórico, principalmente: Ariès (2006), Dornelles (2001, 2011), Lage; Rosa (2011), Castro (2002). Explica acerca do meio social e sua influência nas concepções de infância e suas ramificações na contemporaneidade e na influência da mídia sobre infância.

Palavras-chaves: Infância. Tecnologias. Contemporaneidade.

ABSTRACT: Part of the problematic: how do social transformations influence the conception and experience of Contemporary Childhood? Main objective: to analyze the influence of social transformations in the conception of Contemporary Childhood. It is justified to investigate the materialization of the social instruments that make up childhood, in addition to interpreting the construction of new ways to update society on the changes about childhood and as professionals of education comes these modifications. This is a qualitative study, where the dialectical historical materialism method was used, with bibliographical review and field research, a structured interview with 2 directors and 4 teachers. The following theoretical support was used: Ariès (2006), Dornelles (2001, 2011), Lage; Rosa (2011), Castro (2002). It explains about the social environment and its influence on the conceptions of childhood and its ramifications in the contemporaneity and influence of the media on childhood.

Key-words: Childhood. Technologies. Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

A sociedade como um todo é dinâmica, seus conceitos, seus elementos não ficam estáticos por muito tempo, pelo contrário, conforme ela se modifica tudo o que está nela

¹ Pós-Graduanda em Psicopedagogia Institucional; e Educação Especial pela Faculdade Evangélica do Piauí – FAEPI. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual Do Piauí – UESPI (2017). Email: jbcerqueira15@gmail.com

² Mestrado em Sociologia (2007) e graduada em Ciências Sociais (2001) pela Universidade Federal do Ceará – UFCE (2001). Email: anebpinto@yahoo.com.br

inserido se transforma, como mostra Nery (2008, p.119) “o agente social em seu processo de interação age na sociedade e também é constituído por ela [...].”Essas transformações são resultados das interações entre homem e sociedade, pois à medida que o homem constrói a sociedade, ao mesmo tempo a modifica. Incorporada a concepção de infância, pode-se perceber que seu significado vai se transformando junto à sociedade e aos atores que a habitam. Em decorrência dessas mudanças, a maneira como a tratam, também ganha rumos diferentes a cada dia. Por isso, faz-se necessário estabelecer essa relação com o atual modelo social para compreender como a infância é vista hoje. E assim, responder a questão norteadora deste estudo: como as transformações sociais influenciam na concepção e vivência da Infância Contemporânea?

Uma reflexão acerca da infância contemporânea faz-se necessário para entender a vivência infantil atual, e os fatores que contribuem para essa configuração, para perceber a transição do status de invisibilidade ao de a infância que tornou-se eixo de mercado, geradora de profissões, destaque na elaboração de leis, políticas públicas e educacionais. Assim, partindo desse pressuposto, esse estudo justifica-se por investigar a materialização dos instrumentos sociais que compõem a infância. Consoante a isso, procura-se nesse estudo interpretar a construção de novos caminhos para a atualização da sociedade sobre as mudanças acerca da infância e como profissionais da educação vem essas modificações. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo principal: Analisar a influência das transformações sociais na concepção de Infância Contemporânea. E como objetivos específicos: investigar as mudanças na concepção de Infância desde a Modernidade; entender a relação do “conceito de infância” no processo de consumo, na globalização, abandono, infância e disciplina; e apresentar a concepção dos docentes acerca dos aspectos sociais e do uso das tecnologias na infância.

O estudo tem uma abordagem qualitativa, pois os dados obtidos foram analisados segundo o ponto de vista de sujeitos selecionados a respeito da infância. Com relação aos objetivos, eles são de cunho exploratório, visto que a pesquisa visou aumentar o conhecimento sobre a infância atual, contribuindo assim, para que o tema escolhido torne-se mais explícito e acessível. Quanto aos procedimentos metodológicos, o trabalho utilizou de pesquisa bibliográfica, já que se utilizou de suporte teórico, e pesquisa de campo, com a

utilização de entrevistas estruturadas. A pesquisa teve como sujeitos quatro professores de Educação Infantil e diretores de duas escolas municipais de Piracuruca-PI. Dessa maneira, esse estudo é relevante, pois os resultados obtidos poderão ser utilizados como base para os professores e alunos do curso de pedagogia, para que eles tenham um maior conhecimento acerca dos novos tratamentos dados à infância, já que eles estarão em contato permanente com esse público.

PERCURSO METODOLÓGICO

O método usado foi o materialismo Histórico Dialético baseado na percepção dos professores da educação infantil sobre as crianças como objeto de pesquisa e como elas fazem parte do processo de construção da escola, dentro do itinerário educativo. Sua vinculação com a pesquisa qualitativa justifica-se, segundo Martins (2015, p.30), pelo “fato de que o materialismo histórico como possibilidade teórica, isto é, como instrumento lógico de interpretação da realidade, contém em sua essencialidade a lógica dialética e, neste sentido aponta um caminho epistemológico para a referida interpretação”. Ou seja, o mesmo ajudou na interpretação dos dados de maneira ampla, possibilitando entender a infância de maneira mais abrangente. Com o intuito de analisar com mais precisão os dados obtidos, e compreender melhor o objeto de estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica serviu como base de informações que suprirão de forma ampla a pesquisa de campo, dando suporte literário que conduza a resultados confiáveis. Como sugere Gil (2008, p.50): “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Na pesquisa de campo foi utilizada a entrevista estruturada. O instrumento da entrevista possibilitou entender a concepção dos docentes acerca do uso das tecnologias na infância. “Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”.(GIL, 2008, p.109). A mesma seguiu um roteiro estruturado, ou

seja, “o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 197). As pesquisa de campo foi feita com dois professores de educação infantil, em duas escolas de Educação Infantil, perfazendo um total de quatro professores e as diretoras das escolas. A escolha desses profissionais partiu do seguinte critério: professores como os executores da educação e principais atores para entender a infância que o estudo busca e diretores como planejadores e analistas da eficácia da educação nas escolas estudadas.

Assim, para obter resultados eficazes ao final da pesquisa, foi realizada uma análise de conteúdo e interpretação dos dados levantados. Já que “à medida que as informações obtidas são confrontadas com informações já existentes, pode-se chegar a amplas generalizações, o que torna a análise de conteúdo um dos mais importantes instrumentos para a análise das comunicações de massa”. (GIL, 2008, p. 53)

A análise e interpretação dos dados seguiram duas etapas. Na primeira, analisaram-se as respostas das diretoras, estabelecendo comparações entre elas. E na segunda, aconteceram as análises e interpretações dos dados obtidas por meio da entrevista com os quatro professores. Para uma análise mais completa, foi utilizado apoio teórico durante as análises. Os objetivos deste trabalho são para contribuir na constante análise científica da influência das transformações sociais na infância e a concepção dos professores de Educação Infantil sobre essa influência, como peça chave para a reflexão acerca destas interferências.

INFÂNCIAS: moderna e contemporânea

Para que se possa entender as concepções de infância atual e a maneira como esta se apresenta, faz-se necessário conhecer brevemente algumas características da infância moderna, pois assim se perceberá as modificações nos significados atribuídos à infância, bem como a percepção sobre ela. Dornelles (2011), em seu livro “*Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*”, faz uma análise sobre a construção da concepção de infância moderna, relacionando-a com o poder exercido sobre a mesma. “O

propósito deste livro é discutir, neste primeiro capítulo, a produção do sujeito infantil na modernidade ocidental e sua imersão no jogo entre infância e poder”. (DORNELLES, 2011, p.18). Assim, a autora estabelece uma reflexão acerca do domínio que a sociedade moderna tem sobre a infância.

[...] Busco entender como, a partir daí, se fabricam modos de controle de corpos e almas infantis, com a finalidade de sua governamentalização, ou seja, como as crianças são governadas intensamente num jogo em que também governam a si e aos outros. Trato da infância como produto de uma trama histórica e social na qual o adulto que com ela convive busca capturá-la através da produção de saberes e poderes com vistas a seu gerenciamento. [...] (DORNELLES, 2011, p.18).

Assim, Dornelles (2011) confirma a ideia de que a infância é algo construído histórico e socialmente, e que a sociedade (o meio social a que pertence) vai moldando-a conforme seus interesses. Desse modo, a ideia da criança como um “adulto em miniatura”, existente na Idade Média, foi dando lugar à visão de um ser frágil, que necessita de cuidados.

A ideia ocidental de infância vai se afirmando cada vez mais em época como o Renascimento, para se consolidar a partir do Século das Luzes. Até então a criança não era vista senão como um mero ser biológico, sem *status* próprio. A emergência da criança como um acontecimento visível faz com que esta passe a ser falada, dita, explicada, caracterizada como um ser inocente, diferente do adulto, que precisa de cuidado e proteção. [...] (DORNELLES, 2011, p.20-21 grifo do autor)

Dessa maneira, à proporção que esse “sentimento” de infância foi surgindo, houve a necessidade de cuidar das crianças, mesmo porque, segundo o pensamento de Dornelles (2011), essa proteção seria uma maneira de controlar a infância, já que à medida que o infante se caracteriza como algo frágil, que precisa ser cuidado, há necessidade de alguém responsável por ele.

Passou-se, então a submeter o corpo da criança de várias formas, o que, na época, era considerado necessário para evitar os seus movimentos, bem como para exercer um controle efetivo sobre o pequeno ser. Assim, durante muito tempo o único caminho existente foi uma rígida disciplina infantil. (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008, p.53)

Com esse domínio, o adulto ensina a criança segundo seus princípios, vontades, disseminando sua cultura, desejos e aspirações. “[...] Percebe-se então, que a primeira preocupação com a infância ligou-se à disciplina e à difusão da cultura existente, limitando todo e qualquer movimento infantil destinado ao prazer e ao aprendizado. [...]”. (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008, p.52). Com isso, percebe-se uma mudança significativa no tratamento da infância, visto que antes o sentimento de infância estava sendo construído, já que segundo Ariès (2006), ele era inexpressivo. E à medida que a sociedade se transforma, o “sentimento” pela infância (criança) vai se instaurando e criando esse querer “dominar”, como mostrou Dornelles (2011).

O interesse pela infância propagado pela modernidade inaugura, num certo sentido, a preocupação com a criança e sua formação, porém o objetivo não era a criança em si, mas o adulto de amanhã. Reconhecida como fase da não razão, da imaturidade, as expectativas sobre a infância propagavam um discurso legitimando a infância como uma fase do desenvolvimento humano no qual a criança, ser frágil e dependente do adulto, deveria ser educada e disciplinada para o desenvolvimento pleno de suas faculdades, inclusive da razão. (ANDRADE, 2010, p.59)

As palavras de Andrade (2010) confirmam a reflexão de Dornelles (2011) sobre a dominação exercida pela sociedade sobre a infância, muitas vezes disfarçada de uma proteção exacerbada. Assim, com o fim da Modernidade e início da Contemporaneidade, a infância começa a ser vista com o olhar de mais uma peça fundamental na construção dos atores do capitalismo. A infância contemporânea é marcada, principalmente, pelo consumo e o uso excessivo das tecnologias, que interferem e determinam o comportamento das crianças e conseqüentemente o modo como vivem sua infância, mas não se pode reduzir a infância a apenas uma referência, pois cada criança reage ao lugar onde vive, apesar do processo mercantilista da infância insistir numa homogeneização dos padrões de consumo das crianças. Contrariando isso, Dornelles (2011, p. 77) sugere:

É preciso pelo menos que se leve em consideração que existem muitas outras infâncias. Existem infâncias mais pobres e mais ricas, infâncias do Terceiro Mundo e dos países mais ricos, infâncias da tecnologia e a dos buracos e esgotos, infâncias superprotegidas, abandonadas, socorridas, atendidas, desamadas, amadas, armadas, etc.

Essa diversidade de “infâncias” é justificada por Hall (2005) quando diz que a pós-modernidade transformou o conceito de identidade, pois segundo ele, atualmente, não existe uma identidade fixa e sim uma diversidade delas que povoam os homens na contemporaneidade. Sendo assim, a identidade da infância sofre alteração, sendo modificada em consonância com a sociedade em aspectos gerais. Recebendo dinamicamente todas as formas de assédio de informação, no formato da dinâmica social da atualidade, como Andrade (2010, p. 66-67) afirma abaixo:

[...] A criança é reconhecida como um sujeito ativo, competente, com potencialidades a serem desenvolvidas desde o nascimento; sujeito que aprende e constrói conhecimentos no processo de interação social. [...] a infância como construção social é sempre contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando segundo a classe, o gênero e outras condições socioeconômicas. Por isso, não há uma infância natural nem universal, nem uma criança natural ou universal, mas muitas infâncias e crianças;

A infância contemporânea segue essa diversidade, muda constantemente e por isso não se pode universalizá-la. Com isso, entende-se a influência que as mudanças sociais possuem sobre a infância. Uma das expressões mais comuns atualmente, quando se refere à criança, é que: “hoje as crianças não sabem o que é ter infância”, ou que, a mesma “se acabou”. Se referindo a essas ideias, Castro (2002, p. 49 grifo do autor) comenta: “assim, a afirmação de que a “infância acabou” desconsidera a produção social da diferença, uma vez que o que morre é *aquela infância* que conhecemos num determinado momento histórico.”

Essas afirmações geralmente acabam por ser assimiladas e reconhecidas como verdades absolutas, sendo comum perceber entre os adultos uma ideia sobre a infância baseada em suas próprias experiências quando crianças, assim como mostra Castro (2002, p.47),

falar em destinos da infância no contemporâneo nos conduz a refletir sobre nossos sonhos e nossas decepções, uma vez que a infância e outras noções como o tempo ou a morte nos provocam sobre os sentidos de nossa existência, mais precisamente sobre nossas origens. [...] avaliações sobre a infância hoje, que se traduzem num mal-estar e numa inquietação que, creio eu, são resultado do apego a certas noções de infância, que, uma vez naturalizadas, servem de cânones a outras possibilidades de se fazer a infância.

Desse modo, a infância é alterada no adulto, e a compreensão acerca dessa mudança de concepção torna-se mais difícil, já que nem todos conseguem entender a dinâmica social e sua direta intervenção nos diversos campos, inclusive na percepção e manifestação da infância. Então, é necessário que se compreenda que a infância não está acabando, pelo contrário, o que está acontecendo é uma mudança na configuração e no modo da criança atual vivenciá-la. Já que a mesma “é resultado de constantes transformações socioculturais [...]” (SCHULTZ; BARROS, 2011, p.143). Recentemente, devido às mudanças de configuração da infância, as crianças que brincavam livremente, nas ruas, com brinquedos artesanais, hoje foram ou trancadas nas suas casas ou expostas a perigos maiores, porém foi dessa maneira que reacendeu a visibilidade em crianças e adolescentes. Este fato é resultado das mudanças que a sociedade sofreu, principalmente, em avanços tecnológicos.

Para uma camada da população, as crianças brincam em seus quartos com a TV o tempo inteiro, brincam com seus games, jogam em seus computadores. Praticamente lhes é impossível brincar na rua, subir em árvores, jogar futebol no quintal, tomar banho no rio, usar botequim... Seu brincar [...] hoje é diferente. [...] A mídia, as novas tecnologias são o que de mais forte incide nas brincadeiras e brinquedos das crianças. (DORNELLES, 2001, p. 107)

Logo, pode-se perceber que as crianças hoje estão em contato direto com a tecnologia. Nesse sentido, Dornelles (2011, p.84) traz algumas reflexões acerca dessa relação, ela caracteriza a infância atual com o termo: “cyber-infância”, que segundo ela se refere à “infância afetada daquelas novas tecnologias”. Com essas mudanças, resultantes dessa “explosão” tecnológica, os espaços da criança também se modificaram.

Na atualidade, novos espaços infantis se apresentam ou são reconfigurados para que as crianças vivam o seu dia a dia. [...] Agora o quarto dos infantis se transforma numa sala informatizada, um quarto/*lan house* globalizado e cheio da argúcia do mundo via internet ou televisão a cabo. (DORNELLES, 2011, p.85 grifo do autor)

Essa mudança nos espaços em que a criança está inserida ajuda nessa nova configuração infantil, já que a construção desse espaço é influenciada por elementos e acontecimentos históricos e sociais, que vão se constituindo ao longo do tempo. (HORN, 2003 apud DORNELLES, 2011). Percebe-se, então, o momento de transição pelo qual o conceito de infância está passando, já que na década de 1990 as crianças eram vistas como

ingênuas, que necessitavam de proteção, e isso ficou em evidência com a criação do Estatuto da Criança e do adolescente (Lei nº 8.069, de 13/7/90), e hoje esse fato começa a ganhar outros rumos, tendo em vista que a infância contemporânea instaura um novo significado e modifica a maneira como a mesma se estabelece. Para ilustrar essa ideia, Dornelles (2011, p.86 grifo do autor) fala sobre o novo local onde se “produzem” as crianças globalizadas, “é nos *lan house* informatizados que se produzem as infâncias globalizadas e este é o espaço da *cyber*-infância, ou seja, da infância on-line [...]”.

Nessa perspectiva, Dornelles (2011, p.86), baseada em alguns estudiosos, traz uma reflexão acerca do que ela chama de “crise da infância ou da morte da infância moderna”. Pois Baudrillard (1997) apud Dornelles (2011) fala em um aceleração da infância, já que as crianças de hoje têm um acesso muito mais rápido às novas tecnologias e, por conseguinte, adquirem maior conhecimento, o que resulta na diminuição do tempo de infância. E por conta dessa globalização e da rapidez com que acontece, fala que a infância pós-moderna “é condenada à obsolescência acelerada”. (BAUDRILLARD, 1997, p.68 apud DORNELLES, 2011, p. 86) Ou seja, que a ideia de infância “presa em uma vitrine” perdeu-se no tempo, que essa fase característica das crianças, diminui, se refazendo constantemente. A infância que se conhece talvez esteja passando por essa “obsolescência”, e a transformação sofrida, dê a ideia do fim dessa fase. Desse modo, tenta-se raciocinar os possíveis benefícios e malefícios que a globalização, seguindo o raciocínio dos “cyber infantes”, pode trazer às crianças, para isso faz-se necessário, esclarecer que

Estas novas tecnologias culturais infantis exigem que se invista em pesquisas sobre os *cyber*-infantes e sobre as tecnologias e estratégias criadas para se produzir o sujeito infantil da contemporaneidade. É preciso que se possa pensar problematizando as relações entre a infância e o mundo atual digitalizado ao qual os *cyber*-infantes têm acesso desde que nascem. (DORNELLES, 2011, p. 90 grifo do autor)

E enquanto esses estudos não são finalizados, cabe aos pais, à escola e à sociedade civil acompanhar as mudanças na infância, pois as crianças participam da utilização de ferramentas intelectuais e tecnológicas, que podem transformar precocemente o comportamento das gerações. Neste caso, como deduziu-se no pressuposto que a infância sofre influências externas, é que elas modificariam seus comportamentos e

descaracterizariam fases da vida consideradas até os dias de hoje ideais para seu desenvolvimento.

MÍDIA E INFÂNCIA

A mudança no modo de conceber a criança hoje possui uma forte relação com a influência do capitalismo e tudo o que ele proporciona. Atualmente, as crianças possuem um poder ativo no seio familiar, por conta disso, o mercado se utiliza dessa condição para expandir seus negócios e manter o modelo econômico vigente cada vez mais forte, pois “ninguém nasce consumista, o ato de consumir é orientado por um valor (ideologia burguesa) que o capitalismo implanta nas pessoas”. (LAGE; ROSA, 2011, p.14) E a ferramenta utilizada para isso, a mídia, não deixaria a infância fora do contexto.

Nós sabemos que a mídia é uma parte natural da vida cotidiana da maioria das crianças ocidentais e que as crianças que têm acesso às novas mídias são rápidas em adotá-las e usá-las. Nós também sabemos que as crianças podem aprender novos comportamentos, adquirir idéias, emoções, pensamentos e fantasias da mídia. As mudanças no comportamento podem variar de elementos negativos – na forma de violência, negligência e arrogância – a positivos – altruísmo, amizade e solidariedade. (THORFINN, 2002, p. 21 apud CANELA, 2009, p. 78)

Percebe-se que os meios de comunicação social têm dois lados, o positivo e o negativo, pois tanto podem abordar conteúdos que aumentem as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, como podem induzi-las a condutas inadequadas.

Desse modo, para explorar esse nicho comercial, o mercado empresarial tem usado a mídia para aumentar a demanda de produtos para a criança, constituindo o consumismo infantil, já que as crianças são consumidoras em potencial. “No cenário atual, uma das maiores preocupações em relação às crianças diz respeito à influência que elas sofrem dos meios de comunicação e das novas tecnologias.” (ARREGUY; LOYOLA, 2011, p.160). Para Dornelles (2011), essa “coerção” midiática age no consciente da criança, dando um empoderamento a ela, e nesse momento, se estabelece um controle sobre a mesma, pois à medida que a mídia conduz a criança ao consumo, ela está exercendo o ato de governá-la. Assim, como a referida autora mostra:

as crianças pós-modernas são capturadas pelas regulações do poder. Elas apreendem desde cedo que consumir é possuir determinados objetos ou marcadores sociais, adotar certo estilo de vida é “condição” necessária para a “felicidade”, é ter poder. Portanto, consumir é, também, uma forma de poder, um modo ou um estilo de autossubjetivação ou governo de si. (DORNELLES, 2011, p. 96)

Assim, para que essa relação de poder seja exercida sobre as crianças, são utilizadas algumas ferramentas para chamar a atenção dos pequenos. Por meio de estratégias bem definidas, os publicitários trazem em seus anúncios produtos que estimulem o desejo, “entrando” no subconsciente do telespectador, deixando-os com uma falsa necessidade. Nesse sentido, Dornelles (2001, p. 107- 108) explica que

as grandes indústrias se deram conta do quanto as crianças pequenas são ótimas consumidoras. Os brinquedos industrializados tornaram-se uma mercadoria muito forte, como tantas outras na economia de mercado. Temos em nossas crianças um consumidor em formação, e a mídia tem se aproveitado disso com um forte apelo à afetividade, à aventura e ao poder.

Essa influência acontece em diversas áreas, na exaltação do desejo por brinquedos, por alimentos industrializados e até na padronização do comportamento. “O resultado desta abordagem mercadológica pode ser um excesso de consumo, o que acarreta para as crianças problemas de valores, econômicos e até de saúde, como o agravamento da obesidade infantil”. (FRAGOSO, 2009, p. 47) Sendo que, o incentivo ao consumo de alimentos industrializados, por exemplo, pode trazer prejuízos significativos à saúde das crianças. Os valores estão sendo modificados e o comportamento infantil também, pois, “se antes o atrativo na criança era ela ser ágil, correr rápido, pular corda muito bem, hoje passa a ser ela possuir a sandália da moda, o celular com a tecnologia mais avançada, as roupas da última tendência.” (LAGE; ROSA, 2011, p.14) E como elas não têm, ainda, a capacidade de discernir o que está certo e o que está errado, incorporam essas “falsas necessidades”, pois a publicidade faz com que pensem que para estar inserida na sociedade, faz-se necessário dispor de tais produtos da moda, “desta forma, a maior parte dos desejos das crianças não vão ser desejos delas e sim desejos que foram implantados nelas pelo capitalismo [...]”. (LAGE; ROSA, 2011, p.14-15). E tudo isso resulta na “adultização” da infância, já que as crianças estão em contato com o mundo adulto cada

vez mais cedo. “O apelo ao consumo da televisão está fazendo com que as nossas crianças levem vidas de adultos. [...]”. (LAGE; ROSA, 2011, p.15) Fazendo com que aconteça uma grande mudança na configuração do comportamento infantil. Dessa maneira, percebe-se que

ao mesmo tempo em que a infância está sendo encurtada a longevidade humana aumenta, isto pode trazer muito prejuízo para o nosso futuro, assim estamos produzindo crianças, jovens e adultos menos reflexivos que se envolvem no consumismo desenfreado, sem ter consciência do mal que este ato traz para si mesmo, para o próximo e para o meio ambiente.(LAGE; ROSA, 2011, p.16)

Com essa coerção midiática cada vez mais presente, algumas leis foram implantadas com o objetivo de proteger as crianças e adolescentes dessas propagandas, muitas vezes abusivas. Dentre essas medidas, pode-se elencar o § 2º do artigo 37 do Código de Defesa do Consumidor (8.078/90)

Art. 37. [...] § 2º É abusiva, dentre outras a publicidade discriminatória de qualquer natureza, a que incite à violência, explore o medo ou a superstição, se aproveite da deficiência de julgamento e experiência da criança, desrespeita valores ambientais, ou que seja capaz de induzir o consumidor a se comportar de forma prejudicial ou perigosa à sua saúde ou segurança. (BRASIL, 2012, p. 22-23)

O documento deixa bem claro a inapropriada utilização de propagandas publicitárias que incitem de maneira prejudicial às crianças. A Resolução nº 163 de março de 2014 segue esse mesmo caminho, em busca da defesa e proteção das crianças e adolescentes, com relação às publicidades abusivas.

Art. 2º Considera-se abusiva, em razão da política nacional de atendimento da criança e do adolescente, a prática do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança, com a intenção de persuadi-la para o consumo de qualquer produto ou serviço e utilizando-se, dentre outros, dos seguintes aspectos: I – linguagem infantil, efeitos especiais e excesso de cores; II – trilhas sonoras de músicas infantis ou cantadas por vozes de criança; III – representações de criança; IV – pessoas ou celebridades com apelo ao público infantil; [...] (BRASIL, 2014, p.1-2)

Percebe-se assim, as semelhanças existentes nessas duas leis, que são recentes na luta pela proteção da criança e do adolescente. Com isso, nota-se a evolução na postura e nas atitudes de instituições governamentais para com a criança, pois como visto

anteriormente, a mesma não era nem sequer considerada criança, e sim “um adulto em miniatura”, e à medida que a organização social foi se modificando, a visão sobre a criança e a infância foi sofrendo modificações substanciais.

Portanto, identifica-se que o meio social está estritamente associado com os conceitos e concepções existentes. E com a infância não é diferente, sendo que aspectos como a economia e a cultura auxiliam nessa construção de visão e abordagem do ser infantil, que a todo instante é concebido de maneira única, e que, atualmente, sofre com diversas influências externas que se não forem bem trabalhadas podem ocasionar graves danos. Então, constata-se que o ser infantil saiu do anonimato para o status de “celebridade”, já que segundo Ariès (2006), antes do século XVII não existia nem o “sentimento” de infância, e hoje, esse ser infantil está sendo exaltado e exposto em demasia.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Com o intuito de encontrar a concepção dos docentes a respeito da influência dos aspectos sociais e das tecnologias na infância, fez-se necessário conhecer como os gestores escolares trabalham a infância e como isso interfere no planejamento das atividades para a Educação Infantil. Para isso, foi realizada uma entrevista com as duas diretoras das escolas estudadas e 4 professoras.

QUESTÃO A – Diretora

Em sua opinião, toda criança tem infância? Justifique

RESPOSTAS ANALISADAS

As duas diretoras falaram, que nem todas as crianças têm infância, já que, segundo elas, muitas crianças assumem responsabilidades, deixando assim sua infância de lado. A Diretora F ainda aliou a infância com as práticas de brincadeiras, como correr, jogar bola, o que

Com isso, percebe-se que a escola atual brasileira atua no formato bourdieano, pois o autor fala da escola como reprodutora das desigualdades sociais e não instituição solucionadora dessas desigualdades. (BOURDIEU; PASSERON, 2014) Assim, essas desigualdades interferem na vivência da infância e deixam bem definidos os papéis sociais na vida adulta.

QUESTÃO A – Professoras

Em sua opinião, toda criança tem infância? Justifique

RESPOSTAS ANALISADAS

Por unanimidade responderam que não. Para as professoras A e C, isso se justifica por falta de oportunidade, de condições socioeconômicas, e porque muitas delas precisam trabalhar e ajudar os pais. Para a professora B, nem todas as crianças têm infância, pois nem todas recebem carinho, dedicação da família, associando assim, a infância como algo que precise de proteção, assistência e carinho, como pode ser percebido em um trecho de sua fala. Já a professora D atribuiu a não vivência da infância por algumas crianças ao avanço das tecnologias, que as impedem de brincarem, desse modo alia o brincar com a infância.

Nas falas, as docentes demonstram certa nostalgia ao não perceber na infância a utilidade das tecnologias, já que para elas a ideia de infância remete às práticas das brincadeiras antigas, o que a leva a não achar ideais essas modificações. Percebe-se uma resistência às mudanças socioculturais na atualidade que fazem a infância sofrer modificações. Pois segundo Dornelles (2011, p.78), “[...] as mudanças econômicas, sociais, familiares e eletrônica, associadas ao acesso das crianças às informações a que estão expostas no mundo globalizado, vêm mostrando novos rumos de ser infantil”, esses atores não fazem mais do mundo periférico, mas do eixo central.

QUESTÃO B – Diretora

Como você percebe a infância no planejamento das atividades, nos eixos sociais e tecnológicos?

RESPOSTAS ANALISADAS

A diretora E disse que as atividades são adaptadas à realidade deles, que trabalham com as tecnologias, como a televisão, para ensinarem as crianças através de vídeos educativos. Ainda falou sobre a sexualidade, disse que as crianças estão precocemente estimuladas, que pra ela isso não faz parte da infância. A diretora F atribui as vivências na infância como fator determinante para a vida futura dos indivíduos. Acha que as tecnologias influenciam e que por conta delas as crianças não conhecem mais as brincadeiras de antigamente, que ela está sendo mal usada.

O papel da Educação Infantil deve ir além das práticas de leitura e escrita e contagem aritmética, pois aborda a construção do empoderamento da criança sobre seu próprio corpo, do conhecimento do seu potencial afetivo e sexual, cabe à escola conscientizá-las sobre essas potencialidades.

A diretora F foi mais crítica em sua fala, sobre os aspectos sociais disse que essas questões ainda precisam ser mais pensadas, segundo ela as ações sociais estão mais voltadas para a adolescência do que para infância. Para ela, precisa-se investir na infância para que não precise se preocupar com a adolescência, para isso, são necessárias mais políticas públicas educacionais e sociais que possibilitem uma educação infantil mais adequada, permitindo que as crianças se desenvolvam, para que haja menos problemas no futuro.

QUESTÃO B – Professoras

Como você percebe a infância no planejamento das atividades , nos eixos sociais e tecnológicos?

RESPOSTAS ANALISADAS

Professora A

Mostrou-se contrária ao uso das tecnologias pelas crianças. Pois acredita que as

tecnologias estão tirando a infância das crianças, pois ao invés de irem brincar, interagem com os pais, sentam-se em frente à televisão.

Professora B

A respeito das tecnologias, se mostrou a favor, salientando que desde que seja usada com consciência.

Professora C

Acha ruim o uso das tecnologias pela criança, pois segundo ela atrapalham principalmente o uso do celular e da televisão que contêm conteúdos inapropriados para as crianças.

Professora D

Segundo a mesma as tecnologias estão tirando a infância das crianças, e como as crianças abastadas têm possibilidades de possuírem equipamentos eletrônicos, faz com que não vivenciem sua infância.

Esse comportamento entre as crianças são reproduções dos comportamentos dos pais que fazem o uso da televisão, do celular como instrumentos de entretenimento para a criança. Assim, percebe-se que o profissional tem consciência da importância das tecnologias, mas por um descuido estrutural, não pode utilizar. Sobre as questões sociais, ao contrário da professora C, a professora Ela se mostra contra as tecnologias na infância, durante a entrevista falou a respeito da vontade de realizar um projeto para resgatar as brincadeiras antigas. A mesma não consegue perceber as diferenças que trazem essas mudanças da vivência infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância, que antes era uma mera fase da vida de indivíduos adultos em miniatura, tornou-se um eixo mercadológico cultural, na venda de produção do conhecimento, na composição de instrumentos legais de coerção da sociedade na sua formação, parte da composição de um sistema de coerção dos cidadãos na preparação para o mercado de trabalho, com uma argumentação forte da afetividade da extensão familiar na Educação Infantil, distante dos reais interesses dos governantes e das políticas públicas, ou seja,

constituir indivíduos que compõem uma sociedade e nação produtivas. Na realidade, a função da escola ideal deveria ser instrumentalizar os indivíduos infantis desde cedo de ferramentas que proporcionassem liberdade, interpretação crítica, igualdade, solidariedade, afetividade, senso de justiça contemporâneo, distante de valores patriarcalistas coercitivos, típicos da formação sociocultural brasileira.

Observou-se, que não existe um único conceito de infância, como esclarecido no início deste trabalho, o que existe são utilidades diferentes dadas à infância. Os sujeitos não percebem as brincadeiras com os meios eletrônicos como próprios da criança, já que consideram como prejudiciais, e assim, mantêm aquela ideia de que a infância está acabando porque as crianças não praticam as brincadeiras que eram comuns na infância deles. Essas ideias fazem com que se restrinja a infância e seus significados, já que as visões docentes não acompanham a dinâmica do universo infantil.

Desse modo, a visão desses sujeitos é estática, não percebem as mudanças sociais que resultaram nos avanços tecnológicos, midiáticos, que impulsionam o mercado, e este utiliza a infância como alvo de suas vendas. Fazendo com que haja uma alteração na vivência da infância. E isso não é reconhecido pelos professores, já que continuam com a ideia da infância associada com as práticas de brincadeiras antigas. A infância está acompanhando essas mudanças, mas os docentes ainda ficam presos a ideias passadas, não percebendo as alterações e diferenças da infância considerando tempo e lugar. É preciso rever a infância, faz-se necessário que a percebam como sendo eixo direcionador de produções, assim como as reflexões proporcionadas ao longo deste trabalho. Espera-se que estas sejam úteis para que as políticas públicas dos Municípios, Estados e Governo Federal voltadas para a infância sejam repensadas e modificadas, na criação de novos perfis de creches, centros de convivência infantil, ressignificação dos jogos infantis de acordo com os perfis atuais de infância e que a organização escolar, bem como as práticas docentes tornem-se condizentes com esses novos modos da vivência infantil. Portanto, esta pesquisa torna-se relevante por trazer ao debate acadêmico e social, o esclarecimento acerca da materialização da infância na sociedade, principalmente no ambiente escolar, pois, é necessária a reformulação das políticas públicas e educacionais no sentido de prevenir desvios na educação formal, já que a educação faz parte dessa formulação da

infância. Então, essas reflexões são úteis para a melhoria na formação de Pedagogos, nos métodos de ensino dos professores de Educação Infantil, e como consequência, a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa. Direitos da infância: da tutela e proteção à cidadania e educação (online). São Paulo: UNESP, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853-07.pdf> > Acesso em: 22 maio 2017.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ARREGUY, Sergio; **LOYOLA**, Viviane Dias. Criança e consumo: reflexão sobre o filme criança, a alma do negócio. Paidéia: Univ. Fumec, Belo Horizonte, ano 8, n. 10, p. 159-177, jan./jun., 2011. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/viewFile/1305/886>> Acesso em: 31 jul. 2016.

BOURDIEU, Pierre; **PASSERON**, Jean-Claude. Os herdeiros: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRASIL. Código de proteção e defesa do consumidor e legislação correlata. Lei no 8.078, de 11 de setembro de 1990. 5.ed. Brasília: Senado Federal, 2012. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496457/000970346.pdf?sequence=1>> Acesso em: 03 dez. 2016.

_____. O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente: CONANDA. Resolução nº 163, 13 de março de 2014. Brasília: Senado Federal, 2014. Disponível em: <<http://dh.sdh.gov.br/download/resolucoes-conanda/res-163.pdf>> Acesso em: 03 dez. 2016.

CANELA, Guilherme. Meios de comunicação e o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. In: VIVARTA, Viet (coord.) Infância e Consumo: estudos no campo da comunicação. Instituto Alana, Brasília, DF: ANDI, 2009. p. 73- 87. Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Infancia-e-consumo-Estudos-no-campo-da-comunicacao1.pdf>> Acesso em: 07 ago. 2016.

CASTRO, Lucia Rabello de. A infância e seus destinos no contemporâneo. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v.8, n. 2, p.47-58, jun. 2002. Disponível em:

<http://www.pucmg.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041214154058.pdf> Acesso em: 29 jul. 2016.

DORNELLES, Levi Vieira. Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber. 3. ed. Revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. Na Escola Infantil todo Mundo Brinca se Você Brinca. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis. (orgs.) Educação Infantil: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 101-108.

FRAGOSO, Paulo Alan Deslandes. A experiência da regulamentação das campanhas publicitárias de cigarros como subsídio para a comunicação de alimentos direcionados ao público infantil no Brasil. In: VIVARTA, Viet (coord.) Infância e Consumo: estudos no campo da comunicação. Instituto Alana, Brasília, DF: ANDI, 2009. p 47-58. Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Infancia-e-consumo-Estudos-no-campo-da-comunicacao1.pdf>> Acesso em: 07 ago. 2016.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. A identidade cultural da pós-modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005. p. 7-22.

LAGE, Michelle Torres; **ROSA**, Marco André Cernev. Evolução da infância no Brasil: do anonimato ao consumismo. Revista eletrônica de educação, S.L. Ano 4, n. 8, 2011. Disponível em: <http://www.umcpos.com.br/centraldoaluno/arquivos/31_08_2014_277/Historia_da_Infancia_no_Brasil.pdf> Acesso em: 12 jul. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; **LAKATOS**, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Lígia Márcia. As aparências enganam: divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas de pesquisa. In: TULESKI, Silvana Calvo; CHAVES, Marta; LEITE, Hilusca Alves. (Orgs) Materialismo histórico dialético como fundamento da psicologia histórico-cultural: método e metodologia de pesquisa. Maringá: Eduem, 2015. p. 29-42.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; **BRANCHER**, Vantoir Roberto; **OLIVEIRA**, Valeska Fortes de. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. Contexto e educação, Rio Grande do Sul: Unijuí, ano 23, n.79, jan/jun, 2008. p. 47-63 Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1051/802>> Acesso em: 28 jun. 2016.

NERY, Maria Clara Ramos. Sociologia contemporânea. 20. ed. Curitiba: Ibpex, 2008.

SCHULTZ, Eliza Stroberg; **BARROS**, Solange de Moraes. A concepção de infância ao longo da história no Brasil contemporâneo. Revista de ciências jurídicas, Paraná: lumiar, v. 3, p. 137-147, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/lumiar/article/view/2486/2873>> Acesso em 11 jun. 2016.